

A ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS MEDIADA PELO ENSINO DA ARTE

Ana Maria Pereira de Oliveira – UNOESC
Ortenila Sopelsa – UNOESC

Eixo Temático: Processos do ensino e da aprendizagem

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de abordagem participante com objetivo de investigar a articulação entre o processo de alfabetização nos anos iniciais e o ensino da arte. Participaram três professoras alfabetizadoras dos anos iniciais do ensino fundamental, da rede estadual, de Joaçaba, SC e seus respectivos alunos. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com professoras e alunos, grupos de estudo com as professoras, relacionados à alfabetização e atividades de ensino desenvolvidas coletivamente com alunos e professoras. A fim de obter dados mais significativos foram acompanhados individualmente, seis alunos. A análise revelou que a arte tem o sentido de cultivar a sensibilidade, a emoção e desencadear inúmeras formas de trabalhar a alfabetização; que a produção artística tem em comum o conhecimento científico. Nos grupos de estudo, percebeu-se a importância do trabalho interdisciplinar com planejamentos coletivos entre as diferentes áreas de conhecimento, com o objetivo de um envolvimento maior na formação continuada. Das narrativas das professoras e dos alunos emergiram reflexões que proporcionaram avanços na qualidade do ensino. As professoras reconheceram contribuição na aprendizagem significativa dos alunos. A experiência adquirida nos grupos de estudo contribuiu de forma valorosa para a legitimação dos saberes docentes. Foi possível compreender melhor e valorizar o trabalho coletivo na escola.

Palavras-chave: Alfabetização. Ensino. Aprendizagem. Arte-Educação.

1 INTRODUÇÃO

Desde a Pré-história, os seres humanos produzem formas visuais, expressam-se e se comunicam, atribuem sentidos, sensações, sentimentos, pensamentos, realidades e sonhos, utilizando símbolos particulares constituídos socialmente para exprimirem mundos subjetivos e objetivos. Entretanto, a maioria dos professores se esqueceu dessa linguagem tão rica e prazerosa, que foi deixada para trás por volta dos seus seis anos, idade em que concluiu a educação infantil. Nessa fase, o aluno passa a frequentar uma escola mais formal, caracterizada por um ensino que, de forma cronológica, é gradual e hierárquico, e os conteúdos são historicamente sistematizados, previamente demarcados, normatizados por leis, a qual valoriza a linguagem verbal-escrita e que acredita que a melhor forma de aprender é por meio da memorização do objeto a ser estudado (GOHN, 1999). Nessa concepção, os

melhores alunos são aqueles que possuem boa memória, os quais decoram os conteúdos que, foram demarcados e, muitas vezes, esses alunos decoram sem entender, interpretar e, de modo geral, sem interação com a sua subjetividade.

O professor, muitas vezes, esquece que o aluno aprende durante o processo de socialização na educação informal, já que este consiste em um processo de desenvolvimento de habilidades e de suas potencialidades, que possibilita fazer uma leitura do mundo; ou seja, há a necessidade de a escola relacionar os conhecimentos prévios dos alunos, e estes, conseqüentemente, irão interagir e participar de forma efetiva em seu contexto social.

Ao interromper, na infância, o desenvolvimento da linguagem gráfico-plástica – rabiscar, desenhar no chão, na areia, em muros –, passando dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazem-se surgir os primeiros símbolos. Nessa fase, a criança começa a organizar o seu traço e suas ideias na tentativa de apresentar formas estruturadas para efetuar seus primeiros desenhos.

O desenho infantil é o resultado da interpretação espontânea dos momentos de aprendizagem, da conquista da organização estruturada do gesto e do manuseio adequado dos materiais e das cores, na iniciação da criança com a expressão gráfico-plástica. Nesse momento, são apresentadas às crianças algumas formas padronizadas como a casinha, o sol, a árvore, as nuvens azuis, a figura humana em forma de palito, entre outras, ou seja, é organizado um repertório reduzido de formas, as quais são denominadas estereótipos.

A escola passa a enfatizar o desenvolvimento do raciocínio lógico e da comunicação verbal – oral e escrita. A criança fica mais crítica e descobre que seus traçados não conseguem imitar fielmente as formas reais e se convence de que não sabe desenhar. Assim, desde cedo, as crianças deixam de construir sua própria linguagem, passando a reproduzir e consumir imagens estereotipadas e impostas pelos adultos.

Nesse sentido, Pillotto e Schramm (2001, p. 69) afirmam que:

O resultado disso são os varais de trabalhos, todos muito semelhantes em forma e cores, sem aquela particularidade, aquela força expressiva individual que se pode perceber nos desenhos anteriores a esta fase de escolarização.

É fundamental que os professores percebam que suas representações visuais influenciam no modo como as crianças produzem sua visualidade. Cunha (2002, p. 12) enfatiza que “para que as crianças tenham possibilidades de desenvolverem-se na área expressiva, é imprescindível que o professor rompa seus próprios estereótipos, a fim de que

consiga realizar intervenções pedagógicas no sentido de trazer à tona o universo expressivo infantil.” Uma das maneiras de o professor romper com suas formas cristalizadas é resgatar seu próprio processo expressivo.

Desse modo, o papel do professor é fundamental para que a criança receba referências e orientações, sem oferecer a ela modelos ou desenhos estereotipados. É importante também que os educadores conheçam e entendam a gênese do desenvolvimento gráfico-plástico. Dessa forma, poderão organizar planejamentos que deem conta das necessidades do aluno na educação infantil e na alfabetização, para que o aluno saiba ler, escrever e construir saberes que constituam o processo de criação dentro de uma proposta da aprendizagem significativa.

Durante nossas vivências como arte-educadora em escolas públicas, tanto no âmbito municipal como estadual, percebemos algumas coisas nas salas de aula em que atuava e em que atuo no momento, em relação à aprendizagem dos alunos. As propostas de Atividades de Ensino dos professores regentes são voltadas à reprodução para memorização e não para a expressividade e os processos criadores. Apesar de certo consenso sobre a importância em desenvolver a expressão e o processo criador do aluno e trabalhar de forma lúdica nas séries iniciais, os professores, de maneira geral, esquecem tal contexto.

Passamos a refletir sobre esse fato, pois todo o estudo e esforço feito por tais professores são apenas para desenvolver o pensar de forma mecânica sem se preocuparem com as questões e as funções afetivas, motoras e criativas que fazem parte do desenvolvimento cognitivo, como se estas não existissem. Entretanto, segundo Vygotsky (1991, p. 17), “cada matéria escolar tem uma relação própria com o curso do desenvolvimento da criança, relação que muda com a passagem da criança de uma etapa para outra”. Portanto, todas as matérias têm papel importante no desenvolvimento geral da criança. O aprendizado não pode ser um mundo paralelo, precisa, sim, despertar na criança o prazer de aprender a ler e a escrever de forma significativa na interface da arte e alfabetização.

Consideramos que, para que aconteça uma integração entre a professora de arte e a professora regente, é necessário organizar e planejar atividades de forma coletiva. Hernández (2000) apresenta a proposta de ensino por projetos de trabalho, abordagem interdisciplinar e transdisciplinar da arte e da educação básica, dentro das tendências pedagógicas contemporâneas da educação e do ensino da arte, em que professores e alunos ensinam e aprendem, interagindo conhecimento.

Conforme Barbosa (2005, p. 27-28), "não se alfabetiza fazendo apenas as crianças juntarem as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal". Nesse

contexto, é imprescindível um trabalho coletivo entre a professora regente e a professora de artes, a fim de contribuir nos processos do ensino e da aprendizagem.

Em virtude do exposto, o presente estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de abordagem participante com objetivo de investigar a contribuição do ensino da arte, na alfabetização nos anos iniciais.

Participaram três professoras alfabetizadoras dos anos iniciais do ensino fundamental, da rede estadual, de Joaçaba, SC e seus respectivos alunos. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com professoras e alunos, grupos de estudo com as professoras, relacionados à alfabetização e atividades de ensino desenvolvidas coletivamente com alunos e professoras. A fim de obter dados mais significativos foram acompanhados individualmente, seis alunos.

2 A TRAMA DA ALFABETIZAÇÃO E O ENSINO DA ARTE: NA VOZ DE ALUNOS E PROFESSORAS

As experiências, nas quais as linguagens da arte foram vivenciadas representou para nós professoras um dos momentos mais importante da pesquisa. Foi um trabalho coletivo entre as atividades de ensino desenvolvidas pelas professoras regentes e as atividades de arte, no desenvolvimento de projetos que possibilitou a alfabetização estética efetiva dos alunos, na concepção das professoras que fizeram parte da pesquisa. Contribuiu significativamente, principalmente para a leitura, a escrita e o raciocínio lógico dos alunos.

Segundo Frigotto, (1997, p.26): “A questão da interdisciplinaridade se impõem como necessidade e como problema fundamental no plano histórico – cultural e no plano epistemológico”. Nesse contexto, é preciso compreender a interdisciplinaridade não como algo mágico que busca unificar os métodos científicos, mas sim como a possibilidade de se aceitar e valorizar a diferença, a heterogeneidade entre as disciplinas e campos de conhecimento. Desta forma é possível, então, compreender a interdisciplinaridade como o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão dos seus limites, mas acima de tudo, é o princípio da diversidade e da criatividade.

As professoras foram questionadas sobre a contribuição da alfabetização estética na alfabetização dos alunos. Nesse contexto, a professora Pérola J relatou:

Os textos selecionados a partir do livro didático dos alunos foram considerados como material mais adequado do projeto de pesquisa. Foi um contato prazeroso da criança com a leitura. Foi possível concentrar inúmeras atividades, entre as quais se destacam a qualidade da linguagem gráfico-plástica (ilustração dos textos), a expressão corporal (jogos teatrais) em um contexto imaginário que ampliou o universo do aluno, com os personagens dos clássicos. Isso tudo foi possível a partir da contribuição das aulas de arte.

Os textos trabalhados com a professora regente, na aula de artes os alunos fizeram história em quadrinho; criaram os personagens, fizeram os desenhos, o local onde havia acontecido a história. Utilizaram as falas e os pensamentos contidos no texto em estudo. Ao final, foi feito um gibi da sala com todas as histórias em quadrinhos. No ato de desenhar, a criança retira as informações do meio em que vive por intermédio da representação criativa. Pillar (1996) destaca o desenho como um sistema de representação, o qual envolve tanto a produção como a interpretação de imagens formadas por símbolos, utilizados para expressar ideias, sensações, fantasias e sentimentos. O desenho é um registro de tudo que é significativo para a criança, constituindo sua primeira linguagem gráfica na comunicação de experiências, pensamentos, alegrias, entre outros.

Também, foi trabalhada a expressão corporal, em grupo. Os alunos escolheram um dos clássicos da literatura e representaram os personagens, incluindo outros na história, com jogos teatrais. Nessa proposta, trouxeram de casa roupas e acessórios para serem usados. Duas mães vieram assistir à apresentação e fotografar. Uma delas relatou: *minha filha está a semana inteira falando sobre o teatro, várias vezes entrei no quarto e observei que estava na frente do espelho ensaiando, não podia deixar de vir hoje assistir.*

A obra literária infantil usada durante a pesquisa foi de grande importância e aprendizagem, para o desenvolvimento dos processos criadores e da capacidade crítica dos alunos, pois possibilitou a compreensão da escrita como um meio de comunicação que transmite as informações e expressão, os sentimentos, estabelecendo relações sociais. De acordo com Martins (1998 p. 37), “a criança, desde que nasce, está rodeada por diversas linguagens verbais e não verbais, entre outras, a oral, escrita, gráfica, tátil, auditiva, olfativa, gustativa, motora, que são percebidas pelos diferentes órgãos dos sentidos”. Nas linguagens artísticas, podemos perceber e representar o mundo que nos cerca, e elas nos permitem imaginar, sonhar, expressar e criar. A arte colaborou para que o homem pudesse fazer a leitura do seu contexto, organizar e registrar a sua percepção de mundo e sua trajetória (BRASIL, 1997).

A professora Pérola M manifestou: *considero de grande importância a representação gráfica dos alunos. O desenho foi fundamental na construção e na interpretação das letras e números, que os alunos interagiram, decompondo e recompondo o conteúdo estudado.*

A atividade que a professora se refere foi trabalhada com as linhas. Os alunos receberam alguns pedaços de barbante e, com ele, fizeram as letras do alfabeto e os números. Também, com a expressão corporal, eles desenharam no ar as letras, os números, com a intervenção da professora de artes. No final das atividades de ensino, eles já reconheciam o alfabeto e, com o barbante, fizeram o nome. As crianças assimilaram, processaram e expressaram as informações adquiridas mediante a escrita e a leitura.

Pillar (1996, p. 29) ressalta que,

as crianças se realizam durante a elaboração de seus desenhos, revelando suas intenções e interpretações sobre eles, esclarecem o processo de construção gráfica, do ponto de vista da criança que o desenvolve, bem como os acontecimentos da cena desenhada.

Dessa maneira, os alunos atribuem significados aos seus desenhos, relacionando conhecimentos, experiências, situações imaginárias e emoção do seu universo particular.

A professora Pérola J, ao narrar sua experiência do trabalho conjunto, lembrou:

logo em seguida ao primeiro encontro, fui à biblioteca com os alunos para a troca do livro de leitura, e alguns alunos foram para a prateleira dos livros de arte, queriam fazer a troca do seu livro de leitura pelo livro que a professora de artes tinha comentado durante suas atividades de ensino, que tinha na biblioteca. Eles pegaram as obras do pintor Candido Portinari, o qual tinha sido mencionado pela professora de arte. Percebi o interesse no assunto, eles queriam conhecer mais sobre o artista e observar as imagens que ele pintou, fiquei perplexa com atitude dos alunos quando voltaram para a sala de aula, eles pediram para continuar com o trabalho anterior da professora de arte. Sobre os trabalhadores do cafezal, alguns queriam as brincadeiras de criança sobre as imagens do pintor brasileiro Candido Portinari.

Ao retornar no próximo encontro com os alunos, percebi na parede da sala vários desenhos de brincadeiras e poemas feitos pelos alunos. E alguns deles quiseram mostrar materiais que tinham em mãos sobre o artista Candido Portinari, tais como: cartão telefônico, cédulas com a imagem do artista, lista telefônica da comemoração do centenário do artista e imagem da propaganda da feira de matemática.

Primeiro, observei individualmente cada trabalho dos alunos e eles iam relatando como que desenharam e fizeram as brincadeiras e os poemas conforme o artista representou.

Cada aluno apresentou seu desenho e declamou seus poemas, ressaltando seus pensamentos, sentimentos, conhecimentos, ou seja, do significado de sua produção escrita e artística realizadas com a professora regente. Nesse sentido, as narrativas dos alunos em relação às atividades realizadas por eles e a professora regente possibilitaram a interdisciplinaridade e a ressignificação da alfabetização estética na alfabetização. Ostrower (2008, p. 71) complementa: “a atividade criativa consiste em transpor certas possibilidades latentes para o real [...] se recria no próprio trabalho uma mobilização interior, de considerável intensidade emocional”.

Os alunos tiveram a autonomia de observar, ver, tocar e perceber as imagens das obras de arte e os poemas do artista. Tudo isso possibilitou aos alunos desenvolverem suas fantasias e imaginação, criando, dessa maneira, seus próprios poemas e seus desenhos.

A professora Pérola M, ao falar da contribuição da alfabetização estética na alfabetização, assinalou:

Estou aprendendo muito com os alunos. É de suma importância o trabalho coletivo entre os professores. Precisaria de mais tempo disponível na preparação de projetos para desenvolver coletivamente. O tempo que dispomos para preparar as atividades de ensino é muito pouco e, muitas vezes, os professores desenvolvem atividades em diferentes escolas. Por isso, é importante momentos de formação continuada para que realmente ocorra a troca de experiência entre as professoras.

A professora Pérola J, referindo-se ao significado do trabalho coletivo entre professoras alfabetizadoras e professora de arte, ressaltou:

foi fundamental a realização desta pesquisa, adquiri novo conhecimento em relação à aprendizagem significativa. Meus conhecimentos na área de Pedagogia relacionados com o conhecimento na área de artes fizeram com que eu desenvolvesse atividades diferenciadas que nunca imaginei poder realizá-las. Tais atividades enfatizaram a criatividade e a expressividade dos alunos de forma significativa. Uma das atividades práticas que propus aos alunos na sala de aula, foi que desenhassem o caminho que fazem da escola para a casa e vice-versa. Fiquei encantada com a percepção dos alunos ao realizarem seus desenhos e pinturas. Também pedi que fosse dramatizado o percurso feito por eles, fiquei surpresa enquanto eles apresentavam o trabalho.

Em relação à fala dessa professora, gostaria de ressaltar que os alunos me relataram que, após a atividade desenvolvida pela Professora Pérola J, eles mostraram os seus desenhos e dramatizaram sua cena, usando as técnicas que foram trabalhadas anteriormente com eles nas aulas de arte. Por meio das dramatizações e dos desenhos feitos pelos alunos, percebemos

a importância de desenvolver projetos educativos. De acordo com Hernández (1998), os projetos ajudam os alunos a serem conscientes de seu processo de aprendizagem e exigem dos professores que respondam aos desafios que estabelecem uma estruturação muito mais aberta e flexível dos conteúdos escolares.

A Professora Pérola M, nesse mesmo contexto, relatou:

no início da pesquisa, pensei que não ia conseguir trabalhar os conteúdos da forma que foram planejados, que os alunos não iam aprender a leitura desenhando ou representando. Pensava que eles iam levar tudo na brincadeira. Porém, percebi o quanto eles se envolveram na construção de seus livros, desenhando as cenas, preocupados com as formas, cores, reescrevendo suas histórias para serem apresentadas em forma de teatro. As leituras dos textos propostos envolvendo a teoria e a prática do ensino da arte na alfabetização ajudou-me a desenvolver novas estratégias em minhas atividades de ensino para a alfabetização. As mudanças de minha prática pedagógica possibilitaram que, quanto mais provocava a curiosidade dos alunos, maior era o seu aprendizado.

Vygostsky (2001, p. 321) enfatiza que: “não é por acaso que, desde a Antiguidade, a arte tem sido considerada como um meio e um recurso da educação”. Segundo o autor, o ensino da arte tem se apresentado como um recurso voltado à educação dentre as diferentes linguagens artísticas.

A professora Pérola A relatou sobre a importância da fundamentação teórica socializada durante a pesquisa:

antes de participar dos grupos de estudo e estudar alguns teóricos, tinha uma outra concepção do fazer artístico. Agora, quando pego uma revista, já observo diferente, posso entender e perceber as coisas de várias formas. O trabalho coletivo auxiliou-me a desenvolver a percepção da realidade, tais como formas, cores, e percebi que os alunos estão mais curiosos, ágeis, se expressando de forma diferente. Eu sempre gostei de arte e agora percebo de fato um trabalho inovador com os alunos nas aulas de arte.

A fala da professora faz referência aos grupos de estudo realizados durante a pesquisa nos quais eram discutidos textos sobre o ensino da arte dos autores Barbosa (2003, 2005), Hernández (1998, 2000), Pillotto e Schramm (2001). As leituras e reflexões desenvolvidas durante os grupos de estudo possibilitaram a nós professoras uma nova visão sobre a alfabetização.

A professora Pérola J relatou:

agora vou procurar fazer trabalhos diferentes em sala de aula, voltados para os interesses dos alunos, a fim de que eles possam desenvolver a curiosidade, a expressividade e a criatividade para a formação de um cidadão mais crítico. Vou propiciar atividades atrativas com metodologias diferenciadas, para que os alunos possam ter contato com jornais, revistas, filmes, a fim de enriquecer as aulas. E, também, oportunizar a expressividade dos alunos, seu jeito de ser.

Percebemos que, no decorrer da pesquisa, ocorreram mudanças nas aulas da professora Pérola J, ela passou a contemplar o ensino da arte no seu conteúdo específico da alfabetização, ou seja, deu significado à pintura de fundo do desenho, o uso do espaço da folha por parte dos alunos. Observou que as cores e as formas do desenho podem ser desenvolvidas conforme o gosto do aluno e que as atividades de ensino podem ser feitas de várias maneiras.

Desse modo, os alunos foram incentivados a produzir seus textos e desenhos, a observar e perceber à sua volta o contexto vivenciado por eles. A professora criou situações de aprendizagem que possibilitaram aos alunos pensar, criar e desenvolver ações diferenciadas de aprendizagem.

Nessa mesma questão, a professora Pérola M, relatou:

os textos dos autores foram muito importantes, mesmo que algumas vezes não tinha tempo para fazer as leituras. Mas foram de grande valia para um novo conhecimento. A partir de tais leituras, mudei minha prática em sala de aula. Passei a desenvolver atividades em grupos com os alunos e percebi que eles conversaram, se expressaram, expondo suas ideias. Ajudavam-se uns aos outros, contribuindo no desenvolvimento expressivo e criativo do processo educativo. Antes não tinha essa compreensão de aprendizagem, hoje deixo eles andarem pela sala, não ficam mais sentados em fila indiana, faço como observei nas aulas de artes, os alunos em forma de U ou L, em círculo, aprendem socializando com significado e prazer nas aulas.

Nessa perspectiva, a professora promoveu situações nas quais os alunos vivenciaram saberes, possibilitando uma aprendizagem colaborativa. Para Vygotsky (1991), a aprendizagem se realiza sempre em um contexto de interação, por meio da internalização de instrumentos e signos, levando a uma apropriação do conhecimento.

Sobre o conhecimento do ensino da arte, a professora Pérola A relatou:

houve mudança de postura no ensinar, um novo saber, propostas de uma aprendizagem significativa. Percebi que ensinar é muito mais que transmitir informações, implica em mobilizar nos alunos o prazer de aprender. Nesse sentido, as atividades que envolvem o lúdico possibilitam maior participação e interação dos alunos em suas aprendizagens.

Sobre isso, Assmann (2001, p. 192) complementa: “o aprender se refere ao desenvolvimento de uma rede de experiências pessoais de conhecimento socialmente validável no convívio humano”.

Em sua narrativa, foi possível perceber a força de vontade e a importância que a professora Pérola A deu em relação ao projeto da pesquisa. A referida professora se envolveu efetivamente durante o processo de pesquisa, envolvendo seus alunos no conteúdo de arte desenvolvido por mim. As trocas de experiências possibilitaram a nós professoras dar mais sentido e significado tanto para o ensino quanto para a aprendizagem dos alunos.

É importante ressaltar que as professoras entrevistadas entendem a *aprendizagem* como um processo cognitivo de interação entre o *sujeito/aluno* e o *meio/objeto*. O contato real com o objeto e as vivências, dentro e fora do espaço escolar, potencializa o processo de aquisição ou apropriação do conhecimento pelo aluno.

Os relatos feitos pelas professoras apresentam fundamentos e conhecimentos epistemológicos. Elas reconhecem a importância do papel do professor na mediação do processo de aprendizagem. Demonstraram que suas ações estavam pautadas na inter-relação entre a teoria e prática, isso possibilita as trocas entre o sujeito professor e o sujeito aluno, ou seja, o ensino e a aprendizagem se complementam de forma significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve o propósito de investigar a importância da articulação entre o ensino da arte e a alfabetização nos anos do ensino fundamental. Foi relevante o trabalho coletivo de investigação, envolvendo a professora de arte, as professoras regentes e seus respectivos alunos, uma vez que as professoras foram motivadas a buscar novas metodologias para a transformação do cenário do dia a dia da sala de aula, entendida como a alternativa epistemológica na qual pesquisadora e pesquisados foram sujeitos ativos no processo de aprendizagem de novos conhecimentos. A partir disso, foi possível para nós professoras entendermos e confirmarmos que a alfabetização não é só ler e escrever letras e números e, sim, ler as imagens, os sons, os movimentos a nossa volta.

Foi constatado que as professoras alfabetizadoras reconhecem a importância do ensino da arte na alfabetização; elas afirmaram que têm consciência da relevância da alfabetização estética, especificamente no que diz respeito ao processo do ensino e da aprendizagem dos alunos, porém relatam a import.

Em relação aos alunos, percebemos que eles gostam das aulas de artes e têm necessidade de produzir suas poéticas. Em virtude de seus comportamentos e relatos, ficou evidente que o trabalho voltado para a interdisciplinaridade constrói conhecimentos expressivos.

Consideramos que as reflexões feitas nos grupos de estudo contribuíram na atuação das professoras em sala de aula. Na concepção delas, essas reflexões proporcionaram melhora em suas atividades e na situação delas na escola, passaram a ser vistas como produtoras de conhecimentos; reconheceram um avanço em relação ao que estavam limitadas. Nesse contexto, a experiência adquirida nos grupos de estudo contribuiu de forma valorosa para a legitimação dos saberes docentes.

É fundamental pensarmos em capacitação e formação contínua do educador, criando as mínimas e necessárias condições para que isso se realize e se multiplique. A educação continuada proporciona relações significativas entre os conhecimentos que o professor adquiriu no curso de formação de nível superior e os das demais áreas ou disciplinas do currículo da educação básica e contribui para as demandas atuais, contribuindo com o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

A interdisciplinaridade também favorece, uma vez que cria possibilidades de integração na compreensão das relações ente as várias áreas do conhecimento. O intuito é que, assim como o aluno, o professor também possa usufruir de um percurso criativo que envolva a percepção, a visão, a compreensão, a produção e a fruição dentro de uma ótica integradora, que conecte a experiência sensível e os processos criadores por intermédio do contato com os mais diferentes materiais. O educador precisa acreditar nele mesmo e ter acesso a sua potência criadora para poder passar o conhecimento de maneira viva e ativa para seus alunos, porém não pode perder de vista a contribuição de seus pares, das diferentes áreas para a construção de outros conhecimentos e possibilitar, assim, a aprendizagem dos alunos.

É importante salientar que tais avanços trouxeram grande contribuição para a valorização da produção criadora dos alunos, além de esclarecer certas ideias equivocadas sobre o ensino de arte nas séries iniciais, tais como: momentos de lazer, de descanso, execução de trabalhos manuais, recreação, atividade artística a serviço da compreensão de outras áreas de conhecimento ou destinadas a comemorações de datas cívicas, entre outras.

As propostas oferecidas no decorrer da pesquisa foram articuladas de acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais Arte e a Proposta Curricular de Santa Catarina, tendo em vista a alfabetização e o conceito de letramento e considerando o mundo contemporâneo, que se apresenta cada vez mais simbólico.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**: epistemologia e didática. 3. ed. Piracicaba: Ed. Unimesp, 2001.
- _____. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. **Imagem do ensino da arte**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL. Lei nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Arts, 26, 62, 63, 64. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2009.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais – arte**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- CUNHA, S. R. (Org.). **Cor, som e movimento**: a expressão plástica musical e dramática no cotidiano das crianças. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- FRIGOTTO, G. **A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. In: BIANCHETTI, L.; JANTSCH, A. Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes. 1997.
- GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARTINS, Miriam Celeste. **Didática do ensino de artes, a língua do mundo**: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PALANGANA, I. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: a relevância do social. São Paulo: Summus, 2001.
- PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PILLOTTO, Silvia Duarte; SCHRAMM, Marilene. L. K.. **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville: Univalle, 2001.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: Cogen, 1998.
- VIGOTSKY, L. S.. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Psicologia e Pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Moraes, 1991.